



A AVENTURA DAS “*TOBACCO WIVES*” E DAS “ÓRFÃS DA RAINHA”: DISTINTAS VISÕES ROMANESCAS DO PROCESSO DE INSERÇÃO DA MULHER BRANCA EUROPEIA NO “NOVO MUNDO”

Beatrice Uber¹

Mestrado em Letras pela

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

RESUMO

A obra *To Have and to Hold* (1900), da estadunidense Mary Johnston, expõe a vinda de mulheres inglesas – que ficaram conhecidas como “*Tobacco Wives*” – para se casar com os colonizadores na região de Jamestown, Estados Unidos da América, no século XVII. Nessa obra, o protagonista-colonizador, Ralph Percy, apresenta seu ponto de vista sobre o passado da colônia em desenvolvimento e relata como adquiriu umas das “*Tobacco Wives*” como esposa. Já o romance *Desmundo* (1996), da brasileira Ana Miranda, retrata o fato histórico da vinda e da inserção das “Órfãs da Rainha” na colônia brasileira durante o século XVI. Nesse romance, por meio da visão da protagonista-narradora, a órfã Oribela de Mendo Curvo, é que se revisita tal passado e se relê suas histórias. Dessa perspectiva se destaca a obrigação de se casar e de ser boa mãe esperadas das “Órfãs da Rainha”. Baseado nos romances mencionados – ancorados em eventos históricos –, objetivamos comparar as duas visões pelas quais se expõe, pela ficção, a inserção da mulher branca europeia no “Novo Mundo”, a fim de verificar se elas corroboram ou distanciam-se da versão hegemônica difundida pela história. Essa pesquisa está embasada nos pressupostos de Sharpe (1992), Cunha (2004), Fleck (2007; 2011; 2015), Zug (2016), entre outros.

Palavras-chave: *To Have and to Hold* (1900); *Desmundo* (1996); Romance histórico tradicional; Romance histórico contemporâneo de mediação; Colonização americana.

ABSTRACT

The novel *To Have and to Hold* (1900), by the American Mary Johnston, exposes the coming of the Englishwomen – who were known as “*Tobacco Wives*” – to marry settlers in Jamestown, the United States do America, in the seventeenth century. In this literary piece, the protagonist and colonizer, Ralph Percy, presents his point of view about the colony past and reports how he acquired one of the “*Tobacco Wives*” as a wife. The book *Desmundo* (1996), by the Brazilian Ana Miranda, describes the historical fact of the coming and insertion of the “Orphans of the Queen” in the Brazilian colony during the sixteenth century. It is throughout the protagonist and first-person narrator’s point of view, Oribela de Mendo Curvo, that the past is revisited and their stories are reread. From her perspective, we emphasize the obligation of marrying and becoming good mothers, which was expected from the “Orphans of the Queen”. Based upon the previously mentioned novels – both anchored in historical events –, we aim to compare their viewpoints, in fiction, about the insertion of the white European woman in the “New World” in order to verify if they corroborate or distance from the hegemonic version spread by History. This search uses Sharpe (1992), Cunha (2004), Fleck (2007; 2011; 2015), Zug (2016), among others as theoretical support.

Keywords: *To Have and to Hold* (1900); *Desmundo* (1996); Traditional historical novel; Contemporary historical novel of mediation; American colonization.

INTRODUÇÃO

A obra literária *To Have and to Hold*ⁱⁱ (1900), da estadunidense Mary Johnston, aborda o tema da colonização de Jamestown, no atual estado da Virgínia, nos Estados Unidos da América, dando ênfase à vinda das “*Tobacco Wives*” para casar com colonizadores no início do século XVII. A ficcionista apresenta o ponto de vista da personagem protagonista e narrador, Ralph Percy, que conta ao leitor do romance porque decidiu adquirir uma esposa para si. Na continuidade de seus relatos, ele descreve a figura feminina que escolheu para unir-se em matrimônio, Jocelyn Leigh, e quando já está casado, o protagonista da diegese romanesca descobre que sua esposa não fazia parte do grupo de mulheres que vinha para casar, mas que era uma dama fugindo de seu pretendente. Esse homem foi retratado como um nobre chamado Lord Carnal e que era bem quisto pelo rei da Inglaterra, o Jaime I, uma personagem de extração histórica, cujo termo foi cunhado por Andre Trouche (2006, p. 44) para exemplificar um “conjunto de narrativas que encetam o diálogo com a história, como forma de produção de saber e como intervenção transgressora [...]” (TROUCHE, 2006, p. 44). Contudo, tal definição – extração histórica – também pode ser utilizada para personagens.

Já apaixonado por sua esposa, o protagonista decide lutar por seu casamento e enfrentar não só as provocações por parte do

noivo abandonado, mas também as autoridades inglesas presentes no local a ser desbravado, além do grande ataque dos nativos norte-americanos contra a colônia inglesa que massacraram, aproximadamente, 400 colonos. Após algumas adversidades, como batalhas e fugas, a “*Tobacco Wife*” representada como Jocelyn e seu esposo, o homem apresentado como o colonizador Ralph, encontram a tão desejada paz no “Novo Mundo” e a benção da monarquia inglesa, que os espera de braços abertos caso queiram regressar a sua terra de origem.

Já a obra *Desmundo* (1996), da brasileira Ana Miranda, aborda a vinda de jovens órfãs portuguesas para se casarem com colonizadores brancos, também portugueses. Suas tarefas eram ser boas esposas e ótimas mães, gerando filhos desses homens, além de também tentá-los apartar das relações extra-conjugais que tinham com as nativas da terra. 276

A narrativa, que se passa em meados do século XVI, tem como narradora a personagem protagonista Oribela de Mendo Curvo, que conta sua história e a de mais seis outras órfãs que realizaram a mesma jornada marítima. Assim, ela expõe sua viagem, suas primeiras impressões sobre o ambiente que a cerca, os preparativos do casamento, a cerimônia realizada pela Igreja Católica, a verificação de sua pureza corporal, a vida na residência do esposo – o nobre colonizador configurado como Francisco de Albuquerque –, a amizade com a nativa

Temericô, a aquisição de hábitos da cultura indígena, as duas tentativas de fuga, o caso amoroso com o mouro Ximeno Dias, a gravidez, o nascimento do filho – que comprova sua relação fora do laço matrimonial – e o abandono do marido, que regressa a Portugal com a criança abandonando a mulher no “Novo Mundo”.

Assim, por meio desses romances, que estão ancorados em eventos históricos, objetivamos comparar os dois prismas fictícios sobre a inserção da mulher branca europeia no “Novo Mundo”, a fim de verificar se elas corroboram ou distanciam-se da versão hegemônica difundida pela historiografia oficial.

TO HAVE AND TO HOLD (2016): UM ROMANCE HISTÓRICO TRADICIONAL

De acordo com Marcia A. Zug (2016, p. 11), na colônia da Virginia, “*wives were needed to create stable family units, produce and care for children, and cement America’s racial and cultural hierarchy. However, the difficulty was that few European women were interested in immigrating.*”ⁱⁱⁱ Se considerarmos a expressão “*cement America’s racial and cultural hierarchy*”^{iv}, não é difícil de entender que ter uma mistura de raça, religião e cultura não era parte do sonho da Inglaterra, metrópole colonizadora da época, para sua terra “recém-descoberta”. O povo britânico esperava ser o soberano do local a ser colonizado e cimentá-lo com suas próprias tradições.

Assim, devido à falta de mulheres na colônia, a solução foi encomendar algumas para que os colonos não se sentissem tão sozinhos e desejassem regressar ao seu país natal. O tesoureiro da Companhia da Virginia, Edwin Sandys, recomendou o patrocínio de mulheres solteiras que desejassem imigrar, conforme Zug (2016). Dessa forma:

In the spring of 1620, ninety mail-order brides arrived in Jamestown. Their arrival was considered a success, and the next year Sandys requested funds to transport an additional one hundred women. By this time, the company was in financial difficulties and no longer had the necessary money. However, because Sandys insisted that more women were absolutely essential, the company agreed to raise the money by subscription. Due to these efforts, another fifty brides were sent to Jamestown. Altogether, the Virginia Company sponsored the immigration of 140 mail-order brides. (ZUG, 2016, p. 14).

277

Segundo Zug (2016), alguns incentivos eram ofertados para as moças que se aventuravam ao “Novo Mundo”, como, por exemplo, todas elas tinham a segurança de que se casariam com homens livres e que eles teriam uma boa situação financeira, recebendo após o matrimônio alguns empregados para ajudar nos trabalhos mais pesados. Além de um enxoval com itens pessoais e também para a nova casa, as “*Tobacco Wives*” tinham seu transporte marítimo pago pelo futuro esposo, que “*were required to reimburse the company 120 (later 150) pounds of ‘good leaf tobacco’ to cover the cost of the women’s passage.*”^{vi} (ZUG, 2016, p. 21). Isso explica o porquê eram chamadas de “*Tobacco*

Wives”. Zug (2016) explica que as uniões pobres não eram comuns porque o noivo era obrigado ao menos a ter o dinheiro para pagar pelo transporte da futura esposa.

Sobre a idade dessas jovens, Zug (2016) informa que elas tinham, em média, vinte anos e a falta de mulheres solteiras era grande. Segundo os estudos de Carol Berkin (1997, p. 25), “*between 1621 and 1651, there were four single men for each single woman.*”^{vii} Ademais, Zug (2016) explica que as “*Tobacco Wives*” tinham o direito de escolher o seu marido, e, dessa forma, elas tinham maior poder e controle sobre as escolhas do cônjuge que na Inglaterra, seu país de origem.

A narrativa fictícia de Johnston (2016) evidencia a mesma história e revive o tema da vinda das “*Tobacco Wives*” para Jamestown, na Virginia, no início de 1620. Logo nos primeiros capítulos, o leitor descobre que o narrador protagonista é uma personagem que vive sozinha e sem família. Assim, influenciado pelo amigo John Rolfe, uma personagem de extração histórica, ele decide arranjar uma esposa que seja capaz de lhe proporcionar uma vida mais aconchegante, conforme seu próprio discurso:

I went to Jamestown to get me a wife. [...] I intended to do the best I could for myself; one hundred and twenty pounds of tobacco being a considerable sum, and not to be lightly thrown away. I went to look for a mistress for my house, a companion for my idle hours, a rosy, humble, docile lass, with no aspirations beyond cleanliness and good temper, who was to order my household and make me a home. I was to be her head and her law, but also her sword and shield. That

is what I went to look for”^{viii}. (JOHNSTON, 2016, p. 41-42).

Por meio dessas palavras depreendemos que o protagonista, realmente, desembolsa 120 libras de fumo para “comprar” uma esposa e que essa personagem feminina tinha o dever de ser uma boa dona de casa submissa, como é exposto pela historiografia oficial.

Após o primeiro contato, geralmente, por meio de uma conversa, e quando os dois decidiam se casar, cabia à moça escolhida aceitar ou não o pedido. Perante o diálogo do casal, o protagonista da diegese indaga, “*‘Madam,’ I said, ‘will you marry me?’*”^{ix} (JOHNSTON, 2016, p. 29), e a personagem Jocelyn responde, “*‘Then, in God’s name, let us be gone!’*”^x (JOHNSTON, 278 2016, p. 30). Percebemos uma urgência em seu tom de voz ao aceitar tão rapidamente o pedido de casamento. Essa atitude é, posteriormente, explicada pelo fato de que ela não era daquele grupo para casar, mas que havia tomado o lugar de sua dama de companhia, e que fugia de seu pretendente na Inglaterra, mas com a intenção de falecer na viagem já que a travessia marítima não era fácil.

Após a realização da cerimônia, ocorrida minutos depois do primeiro encontro, as personagens Jocelyn Leigh e Ralph Percy partem para a casa onde irão residir, em Weyanoke Hundred, um povoado um pouco distante de Jamestown. Uma vez colocada na residência e sem saber realizar trabalho doméstico algum, o marido, retratado como colonizador Ralph Percy,

contrata uma mulher para cozinhar e uma negra para ajudar nos serviços da casa e servir como dama de companhia, como é exemplificado no trecho: “*She does not cook, [...]. I have hired old Goody Cotton to do that.*”^{xi} (JOHNSTON, 2016, p. 46) e “*It is the negress, Angela, [...]. I bought her from William Pierce the other day. Mistress Percy wished a waiting damsel.*”^{xii} (JOHNSTON, 2016, p. 47). As palavras de Ralph indicam que sua esposa não era hábil para os trabalhos da casa, era uma mulher que impunha sua vontade e exigia algumas ações do seu marido, como, além dos exemplos citados, dormir em quartos separados.

Se a figura desse colonizador buscava uma mulher obediente, inicialmente, não encontrou isso em sua esposa. A obediência e aceitação só ocorrem no fim da narrativa, quando após “o grande ataque”, evento histórico no qual os nativos daquela região mataram inúmeros colonos ingleses em 1622, é que Jocelyn reconhece todas as ações do marido em prol de seu bem e, realmente, se torna a “*tobacco wife*” que o protagonista da diegese esperava ter.

Essa narrativa híbrida, que mescla história e ficção, se enquadra naquilo que a estudiosa Gloria da Cunha (2004) chama de narrativas históricas do nascimento, isto é, “*la que funda la história de la nación mediante la recreación del pasado de sus actores dado que toda independencia implica la existencia de una historia propia.*”^{xiii} (CUNHA, 2004, p. 14). O romance *To Have and to Hold* reproduz a

história da colonização dos Estados Unidos e reconta a história das mulheres que foram trazidas para casar com os colonizadores de forma muito parecida com a historiografia.

As fases do romance histórico, estudadas pelo pesquisador Gilmei Francisco Fleck (2007), podem ser divididas em três linhas: a genérica tradicional, “oriunda ainda dos modelos europeus do século XVI” (FLECK, 2007, p. 160); a fase dos novos romances históricos latino-americanos e metaficcões historiográficas, que desconstroem os materiais históricos quando são incorporados nas narrativas fictícias; e a linha do romance histórico contemporâneo de mediação – detectada e estudada por Fleck desde 2007 até os dias de hoje – que busca conciliar as 279 modalidades anteriores.

Dessa maneira, baseado nas linhas de romance histórico e nos estudos do professor Fleck (2007-2017), a narrativa *To Have and to Hold*, pode ver vista como um modelo de romance histórico tradicional (FLECK, 2017, p. 50-51) devido a suas características. Primeiro, segundo Fleck (2017), tanto o evento histórico como os protagonistas da narrativa ficcional constituem o eixo único do romance. Citamos, por exemplo, que as principais personagens Ralph Percy e Jocelyn Leigh sustentam a obra, bem como a história das “*Tobacco Wives*”.

Segundo, “a ideologia que perpassa a escrita do romance histórico tradicional comunga com a da historiografia a intenção da construção de um discurso que exalta e/ou mitifica o herói

do passado, pela aclamação de suas qualidades e pelo valor de suas ações [...]” (FLECK, 2017, p. 50). Tendo em vista essa característica, observamos que o romance em estudo glorifica os atos do protagonista, Ralph Percy, por defender sua esposa e, principalmente, por avisar os habitantes do assentamento que eles serão atacados pelos nativos Powhatans, no evento chamado “o grande ataque”. Embora inúmeros habitantes foram massacrados, incluindo crianças e mulheres, o povo britânico sentiu-se vitorioso porque eles conseguiram sobreviver ao ataque e os indígenas fugiram floresta adentro. Essa sobrevivência só foi possível porque o protagonista se arriscou dois dias e duas noites, sem dormir, correndo pela floresta para avisar seu povo. A figura do bom colonizador é então aclamada.

Terceiro, “as ações narradas no romance histórico tradicional seguem a linearidade cronológica dos eventos históricos retomados na ficção para dar a impressão de que o tempo é um fluir constante e ininterrupto e que a história é incontestável por seu caráter cronológico.” (FLECK, 2017, p. 50). Quando o protagonista, Ralph Percy, decide contar sua história e de como resolveu adquirir uma esposa, ele elenca todos os episódios: a saída de sua casa, a escolha da esposa, os primeiros dias em sua residência, a chegada do noivo abandonado, as primeiras desavenças, a tentativa de fuga, a viagem até a Flórida, a tomada de um navio e a falsa identidade como um pirata, sua prisão pelos

governantes ingleses, sua fuga da cadeia para tentar salvar a esposa, a captura pelos nativos e seus dias como prisioneiro, o grande ataque dos indígenas Powhatans, e o reencontro com sua esposa, a personagem configurada como uma “*Tobacco Wife*”. Todos os episódios fictícios ocorrem de forma linear e não há anacronismos temporais. Logo, nada dificulta a leitura daquele que acompanha a diegese romanesca.

Quarto, a narração está ancorada em primeira pessoa, homo ou autodiegética, e isso possibilita a subjetivação do material histórico incluído na diegese, conforme Fleck (2017). O desenrolar de *To Have and to Hold* é apresentado por um narrador-protagonista em primeira pessoa, o Ralph Percy. Mencionamos, a título de exemplo, a seguinte frase, que demonstra essa característica: “*The work of the day being over, I sat down upon my doorstep, pipe in hand, to rest awhile in the cool of the evening.*”^{xiv} (JOHNSTON, 2016, p. 8 – grifo nosso).

Quinto, “prevalece na narrativa do romance histórico tradicional a intenção de ensinar a versão hegemônica do passado ao leitor.” (FLECK, 2017, p. 50). Nesse contexto, como leitores, depreendemos que a narrativa de Johnston compartilha da versão hegemônica e da supremacia de um povo sobre outro, pois os colonizadores ingleses pensam ser superiores aos nativos da região – fato observado nas seguintes frases: “*They stood no chance against us; we cared not to make prisoners of them; it was a slaughter [...]*”^{xv} (JOHNSTON, 2016, p. 386), e

“Our hearts told us, and told us truly, that the lesson had been taught, that no more forever need we at Jamestown fear an Indian attack.”^{xvi} (JOHNSTON, 2016, p. 387). Isso nos leva a considerar que, embora a historiografia oficial diga que houve um massacre e que quase 400 colonizadores morreram, e eles realmente ficaram abatidos com tal ataque, a ficção coloca que as personagens foram massacradas, mas que sentiam-se superiores e tentaram abafar as mortes ocorridas por meio da resistência, o que implica ter havido um processo de colonização realizado com sucesso.

Sexto e último, “as personagens romanescas passam a ser, na maioria dos casos, aquelas já consagradas como grandes heróis na historiografia, e as puramente ficcionais podem até desaparecer totalmente da diegese.” (FLECK, 2017, p. 50). Nesse caso, à figura de Jocelyn Leigh cabe o recurso da metonímia, na qual se emprega um termo no lugar de outro e há, entre ambos, estreita afinidade ou relação de sentido, pois ela representa as “*Tobacco Wives*” que vieram para a colônia em desbravamento com o intuito de casar. Já a personagem Ralph Percy representa os inúmeros desbravadores que deixaram a Inglaterra para conquistar seus sonhos numa terra a ser povoada.

Assim sendo, inferimos que a obra *To Have and to Hold* apresenta uma narrativa que corrobora a versão historiográfica exaltando os colonizadores que exploraram o local e as mulheres que vieram para casar, as quais ficaram

conhecidas como “*Tobacco Wives*” e também como “*Brides for Virginians*” e “*Tobacco Brides*”. O leitor desse tipo de romance histórico, o tradicional, percebe que há sempre uma exaltação para com aqueles que foram considerados detentores do poder da época em que se passa o romance.

DESMUNDO (1996): UM ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MEDIAÇÃO

A história das “Órfãs da Rainha” data o século XVI, no ano de 1543, quando o rei Dom João III, tomou sob sua proteção vinte e uma órfãs, e as dotou com rendas certas e anuais para suas manutenções, conforme menciona Afonso Costa (1946). De acordo com a pesquisadora Suely Creusa Cordeiro de Almeida (2003), as órfãs sempre existiram em Portugal, mas com o passar o tempo o número foi aumentando e o envio dessas para as colônias de possessão ultramarina portuguesa foi uma solução. Assim, a monarquia portuguesa decidiu enviar algumas órfãs, que estavam sob a sua tutela, para a Índia e o Brasil, cita o historiador Fábio Pestana Ramos (2007).

As órfãs eram oriundas do Recolhimento do Castelo, que também pode ser chamado como Alcaçova, Nossa Senhora do Amparo, do Paraíso, e até mesmo de Castelo de São Jorge, cita Almeida (2003). Elas “eram filhas, netas, irmãs e sobrinhas de homens que tivessem

morrido a serviço da coroa” (ALMEIDA, 2003, p. 157) e “eram selecionadas em função dos serviços que seus parentes masculinos mais próximos falecidos haviam prestado à coroa.” (ALMEIDA, 2003, p. 157).

Alguns requisitos eram necessários para enquadrar-se como uma “Órfã da Rainha”. São eles: “ser órfã de pai e mãe, filha de um legítimo matrimônio, sem raça de mouro ou judeu e ainda demonstrar condição de pobreza e falta de recursos” (ALMEIDA, 2003, p. 161). Ademais, “não se receberiam moças cegas ou aleijadas, doentes de qualquer moléstia considerada contagiosa. [E a] idade, variava entre 12 e 30 anos, fase onde era possível agradar aos homens pelo frescor da juventude, além da possibilidade orgânica de gerar filhos brancos [...]” (ALMEIDA, 2003, p. 161) e a moça “deveria ser uma jovem de conduta ilibada, cristã, mas que não tivesse feito voto de castidade.” (ALMEIDA, 2003, p. 161).

Conforme os estudos de Costa (1946), quando as órfãs aportassem na colônia, os governadores e os vice-reis deveriam casá-las com toda decência possível e assegurar provimento nos ofícios públicos como dote de casamento.

Segundo o pesquisador Rodolfo Garcia (1946), em 1551, três órfãs desembarcaram na colônia. Eram as filhas de Baltasar Lôbo de Souza, que havia sido morto em carreira na Índia. Seus nomes são Catarina Lôbo de Barros Almeida, Joanna Barbosa Lôbo de Almeida e

Mícia Lôbo. Em 1553, nove órfãs desembarcaram no governo de Duarte da Costa, o segundo governador-geral do Brasil, explica Garcia (1946). Dessas, temos notícia de cinco delas. Seus nomes eram Clemência Dória, Violante Deça, Inês da Silva, Jerônima Góis e Maria de Souza. O autor também diz que nesse ano, a senhora que acompanhou as órfãs era a “velha”, conhecida como Maria Dias e que veio a falecer no naufrágio de caravela Nossa Senhora da Ajuda. Sua intenção era de proteger as moças para que nenhum mal acontecesse. No ano de 1557, o rei mandou mantimentos para suas órfãs. Ainda, segundo Garcia (1946), em 1561, algumas órfãs chegaram com Estácio de Sá, o fundador da cidade do Rio de Janeiro, contudo, 282 as referências sobre essas jovens são vagas.

Em resumo, para essas órfãs, “o casamento era, de fato, a forma por excelência da reinserção social.” (ALMEIDA, 2003, p. 158). O ato de unirem-se em matrimônio com esses colonizadores, embora desconhecidos, proporcionou-lhes um *status* melhor perante a sociedade, pois passaram para mulheres casadas e mães, “a grande força da constituição e desenvolvimento da família ou da sociedade brasileira.” (COSTA, 1946, p. 111).

Na narrativa *Desmundo*, a protagonista representada como uma “Órfã da Rainha”, Oribela de Mendo Curvo, vem ao “Novo Mundo” de maneira forçada, segundo seu próprio discurso, “cada dia me fizeram mais distante de onde fora eu arrancada com muita

pena [...] aquele era meu destino, não poder demandar de minha sorte, ser lançada por baías, golfos, ilhas até o fim do mundo, que para mim parecia o começo de tudo [...]” (MIRANDA, 1996, p. 15). Por meio desse trecho, percebemos que a principal personagem não tinha escolha sobre seu destino a não ser obedecer tudo o que lhe impunha a coroa portuguesa. De acordo com a protagonista, ela deixou Portugal sob a condição de popular o território, tarefa a ser cumprida de maneira evidente, conforme ela mesma proferiu em seu monólogo interior, “chegamos a um novo país com o coração em júbilo, mas de dúvida e receio, para **povoar** um despejado lugar.” (MIRANDA, 1996, p. 16 – grifo nosso).

Ao chegar à colônia, essa figura feminina assusta-se com os modos dos nativos da terra e a maneira como a igreja católica tenta se impor sobre aqueles que não professavam a fé católica. Ela também estranha muitos outros costumes, como, por exemplo, a liberdade que as mulheres nativas desfrutavam quando tomavam banho sem roupas. Também sente-se impressionada com seu pretendente, a personagem configurada como o colonizador Francisco de Albuquerque e sobrinho da esposa do governador, dona Brites de Albuquerque. Perante a descrição da narradora, um home cujo,

[...] aspecto era o de um cão danado, lhe faltavam dentes, tinha pernas finas, nariz quebrado, da cor de um desbotado seus olhares. [...] usava um chapéu roto, tinha tantos pêlos a modo de uma floresta desgrenhada e estava sujo, imundo. A pele

de seu semblante parecia uma pedra lavrada, corroída pelas ventanias e pelas formigas, feita um áspero burel, seus cabelos, como cerdas de javali de que se faziam cilícios. Tristes eram seus olhos de xamete e amorosos de doer. (MIRANDA, 1996, p. 55).

Enquanto a historiografia oferta uma imagem de colonizador nobre, as órfãs, criadas por Ana Miranda, conhecem homens que trabalham, arduamente, pela edificação do país, o que implica em homens retratados com um aspecto maltratado pelo trabalho e pelo tempo. São a esse tipo de homem que as órfãs da narrativa fictícia se unem em matriônio.

Contudo, se o marido, a personagem Francisco, espera submissão de sua esposa, a protagonista Oribela, ao longo da diegese 283 romanesca, ele não encontra tal característica, pois ela foge de sua residência duas vezes tentando regressar a Portugal, onde tem o sonho de abraçar a vida religiosa. Na segunda tentativa de fuga a protagonista desenvolve um caso amoroso com um comerciante, o mouro Ximeno Dias. Dessa relação, nasce um menino que tem as mesmas características físicas do homem com o qual se envolvera. Infelizmente, isso deixa a protagonista numa situação complicada na qual comprova-se então sua relação extra-conjugal. Seu esposo, então, lhe impõe o pior castigo de todos: o abandono no “desmundo”. Sua atitude de gerar um filho fora do laço matrimonial é abominada pela sociedade da época, que buscava ter dominação de território no qual acreditava-se numa única unidade para se viver, isto é, “um só

Deus, um só Rei, uma só Língua: o verdadeiro Deus, o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua” segundo ressaltou Silviano Santiago (2000, p. 14).

O ponto de vista da personagem Oribela em relação ao local a ser desbravado é crítico e mostra que essas mulheres, que deixaram sua terra natal para casar, passaram por momentos difíceis. Sua conhecida, a dona Bernardinha, sofria abusos sexuais por parte do esposo, conforme relata: “Sempre farto de vinho nas noites cometia ele a ela com seu membro viril que entrava no vaso traseiro dele e instigado da carne tinha ali poluição, contra a vontade dela [...]” (MIRANDA, 1996, p. 152). Como se não fosse suficiente, “o perro do esposo dela fazia servir sua mulher por dinheiro, que se fez uma espera na frente da vivenda dela e se ouviam os gritos, deles os risos, uns davam por isso uma moeda, outros um pedaço de qualquer coisa [...]” (MIRANDA, 1996, p. 151). Indignada sobre a situação da personagem Bernardinha, ela revela que não há padre algum para por fim a tal sofrimento, o que nos levar a crer que se elas chegaram ao “Novo Mundo” com euforia, com o passar do tempo foram esquecidas e deixadas de lado pela monarquia portuguesa, vivendo então sob as ordens de seus maridos. A própria protagonista, após sua primeira fuga, indica que o marido a maltratou, quando este a trouxe de volta para casa arrastada como um bicho:

Partiu Francisco de Albuquerque em seu cavalo, sem tornar atrás os olhos para ver se

eu me arrastava ou caminhava, pela estrada, [...] sem paradas para um repouso, sem nunca em esse tempo me dar de comer coisa alguma, nem água, os pés cada vez mais em suas gritas e sangue brotando deles, por todas as léguas entre a cidade e o fortim, horas que pareceram cem anos de inferno, sem respeito por minha pena, sem ouvido por minhas súplicas, [...]. Que não era veado a ser caçado e arrastado nas trilhas, não era daqueles gatos jaspeados, bicho nem natural nem mulher pública, devia ele o respeito do matrimônio [...]. Fazia ele que não escutava, os gritos retiniam pela serra, eu arrastada. Em casa amarrou com a corda me prendendo aos pés do catre [...]. (MIRANDA, 1996, p. 113).

A forma como ela foi tratada evidencia que o sentimento de exaltação por ser uma “Órfã da Rainha”, mulher branca e virgem, vinda de Portugal, desaparece com o tempo de vivência na colônia. O sentimento de superioridade cede lugar ao de angústia e abandono. Ali, a protagonista constatou que passou a ser uma propriedade do marido, como ele mesmo afirmou: “Porque a vida por sua injustiça te fez minha noiva, neste princípio de tua mocidade, em que agora por matrimônio te hei de senhorear até a morte [...]” (MIRANDA, 1996, p. 84).

Baseado nessa perspectiva, o historiador Emanuel Araújo (2011, p. 45-46), expressa que a “igreja exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina. O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e, portanto, cabia a ele exercer a autoridade.” Assim, quando a mulher deixava a proteção da família ou, da igreja, passava aos cuidados do esposo e isso ocorreu desde os primórdios da criação do mundo, quando se presumia que a

mulher deveria ser subalterna ao homem – fato reforçado pela igreja que foi uma das instituições que mais impulsionou essa concepção de misoginia.

O romance de Ana Miranda, *Desmundo*, mostra que há várias relações entre os fatos ficcionais e os historiográficos de forma moderada, e isso nos permite que ele seja classificado como um romance histórico contemporâneo de mediação, modalidade detectada pelo pesquisador brasileiro Fleck (2007-2017). Nesse tipo de romance histórico percebe-se que há uma tentativa de conciliação entre as modalidades tradicionais e as desconstrucionistas do gênero, segundo Fleck (2017), em sua mais recente obra – um estudo de fôlego que abarca todas as modalidades de romance histórico estudadas até hoje. Um texto que apresenta as características do romance histórico contemporâneo de mediação consegue unir história e ficção criando um produto que supera a concepção de uma verdade única, explana Fleck (2011).

Primeiro, Fleck (2011) relata que o romance histórico contemporâneo de mediação faz uma releitura crítica de um evento do passado, mas mantém a construção da verossimilhança. Logo, a personagem protagonista e narradora, Oribela, descreve sua chegada a nova terra a ser desbravada, mostrando a insensatez que ali ocorria de forma bastante verossímil, inclusive faz uso de uma linguagem próxima a do século XVI. A suposta

vida encantadora que as órfãs retratadas, em busca de marido e família teriam, não aconteceu, pois sofriam abusos por parte do marido, como era o caso de dona Bernardinha.

Conforme Adenilson Barros de Albuquerque e Gilmei Francisco Fleck (2015, p. 7), “uma leitura crítica se estabelece por distintas vias das quais a ficção se vale para revisitar o passado em busca de outras possíveis versões para os fatos ocorridos.” Assim, Oribela torna-se um exemplo de personagem que nos mostra uma possibilidade de revisitação do passado por meio de sua narrativa. Seu ponto de vista crítico revela um mundo nada perfeito como se imaginava imaginava.

Segundo, conforme aponta Fleck (2011, **285**, p. 91), “a leitura ficcional busca seguir a linearidade cronológica dos eventos criados, fixando-se neles, sem deixar de manipular o tempo da narrativa, [e] a volta da linearidade está diretamente relacionada ao tipo de leitor menos experiente e menos especialista que tais obras buscam conquistar.” O romance não apresenta anacronias exacerbadas e exhibe os eventos ocorridos de forma linear: a chegada da órfã portuguesa, retratada como Oribela de Mendo Curvo, e das outras jovens; os preparativos para a união matrimonial; o casamento; as fugas; o caso amoroso extra-conjugal; o nascimento do filho; e o abandono pelo marido. A linearidade como o texto está disposto facilita a leitura daquele leitor que dispõe de menos prática em leituras de textos híbridos, que mesclam história

e ficção.

Terceiro, “o foco narrativo, compartilhando propósitos da nova história, privilegia visões periféricas em relação aos grandes eventos e personagens históricos, como o fazem muitos novos romances históricos e metaficções historiográficas” (FLECK, 2011, p. 92). Na diegese romanesca temos os relatos de uma moça órfã e excluída, trazida de Portugal, que revela outro prisma a ser analisado sobre a colonização brasileira. Assim, por intermédio dessa voz, temos uma versão diferente da chegada das “Órfãs da Rainha” ao Brasil, que poderia ter sido configurada na historiografia oficial. O discurso oficial que cimentava as tensões com um discurso distenso é colocado de lado e a visão de uma excluída da sociedade dominante do século XVI é posta em evidência.

Quarto, utiliza-se uma linguagem amena e fluida. As frases são, em geral, curtas, elaboradas preferencialmente em ordem direta, e com um vocabulário mais comum do que aquele voltado para o público erudito. Esse tipo de obra também focaliza o processo narrativo e, em inúmeros casos, moderniza a linguagem do tempo passado para se aproximar da linguagem de seus leitores, retoma Fleck (2011). Tal característica na obra em estudo está subordinada à construção da verossimilhança. A linguagem utilizada pela protagonista remonta ao passado, o que confere à narrativa um ar de maior autenticidade, não sendo, contudo uma linguagem erudita ou de uma elaboração

experimental desafiadora. A forma com que Oribela se manifesta ao longo do romance garante ao leitor uma maior identificação com a jovem órfã do século XVI e constrói um forte laço de verossimilhança que nenhum outro elemento romanesco poderia fazer de tal forma.

Quinto, Fleck (2011) cita que recursos Bakhtinianos como a paródia e a intertextualidade também encontram-se presentes. Em *Desmundo*, a protagonista utiliza um trecho semelhante ao da carta de descobrimento do Brasil, escrita por Pero Vaz de Caminha, quando informa sobre a nudez das mulheres nativas com o termo “vergonhas”:

Por meus brios e horrores, não despreguei os olhares das naturais, sem defeitos de natureza que lhes pudessem pôr e os cabelos da cabeça como se forrados de martas, não pude deixar de levar o olhar a suas vergonhas em cima, como embaixo, sabendo ser assim também eu, era como fora eu a desnudada, a ver em um espelho. (MIRANDA, 1996, p. 39).

A sexta e última característica da modalidade romance histórico contemporâneo de mediação é a “utilização de recursos metanarrativos, ou comentários do narrador sobre o processo de produção da obra.” (Fleck, 2011, p. 93). Entretanto, observamos que nem todas as características estão presente, como essa última, porém elas se fazem presente em maior ou menor grau. Devido ao distanciamento temporal do romance em relação ao tempo que ela aborda, observamos que se trata de uma leitura mais crítica porque possibilita que o passado seja recontado de forma mais admissível

e menos idealizado.

De acordo com Albuquerque e Fleck (2015, p. 15), “história e ficção são postas lado a lado, numa relação às vezes bastante intrigante, mas com algo em comum: sua constituição, de forma distinta, permeado pela realidade subjetiva de cada ‘falante’, gerando novos discursos ao longo dos tempos.” De certo Oribela apresenta uma nova descrição sobre o princípio da colonização, no qual ela manifesta suas impressões amalgamadas a um evento histórico que, perante a historiografia, privilegia a ação dos homens e sua destemida coragem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambas narrativas, *To Have and to Hold* e *Desmundo*, utilizam eventos históricos passados para compor suas histórias. Enquanto o romance estadunidense apresenta uma versão bastante parecida com a da historiografia oficial, corroborando o processo de vinda das “*Tobacco Wives*” e da colonização dos Estados Unidos de maneira triunfante no qual o homem desbravador derrota os nativos da terra, casa-se com uma mulher branca e constitui uma família adquirindo a posse do território, o romance brasileiro traz uma versão mais crítica acerca da vinda das “Órfãs da Rainha” bem como sobre seu processo de inserção porque apresenta uma versão com muitas dificuldades sobre sua adaptação no “Novo Mundo”.

Por meio de nosso estudo, depreendemos que o romance *To Have and to Hold*, um modelo de romance histórico tradicional, exalta a vinda das “*Tobacco Wives*” e confere a elas o título de mulheres corajosas que enfrentaram uma longa viagem ultramarina para casar com colonizadores desconhecidos e alavancar o futuro de uma nação. Já a obra *Desmundo*, um modelo de romance histórico contemporâneo de mediação, desconstrói a versão oficial da vinda das “Órfãs da Rainha” de Portugal e evidencia uma jovem inferiorizada que toma a palavra da mão do homem e passa a contar sua história e a de seis outras órfãs. Conforme os estudos de Jim Sharpe (1992), os relatos de Oribela não fazem parte da história “vista de cima”, mas da história **287** “vista de baixo”, pois esse tipo de relato, de pessoas outrora consideradas marginalizadas, tem o objetivo de “servir como um corretivo à história da elite” (SHARPE, 1992, p. 53) e oferecer “uma abordagem alternativa” (SHARPE, 1992, p. 53) para aquelas versões consideradas únicas. Logo, esses discursos ofertam “uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais da história.” (SHARPE, 1992, p. 54).

Dessa forma, enquanto que o ponto de vista apresentado pelo narrador Ralph Percy continua fazendo parte daqueles relatos que exaltam a história “vista de cima”, os da protagonista Oribela de Mendo Curvo fazem

parte de uma tendência da “nova história”, que evidencia outros prismas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. B.; FLECK, G. F. **Canudos: conflitos além da guerra – entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009)**. Curitiba, PR: CRV, 2015.
- ALMEIDA, S. C. C. **O sexo devoto: normatização e resistência feminina no Império Português – XVI – XVIII**. 2003. 322 f. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2003.
- ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORI, M. L. M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.
- BERKIN, C. **First generations: women in colonial America**. New York: Hill and Wang, 1997.
- COSTA, A. As órfãs da rainha. In: **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, v.190, p. 105-111, 1946.
- CUNHA, G. **La narrativa histórica de escritoras latinoamericanas**. Buenos Aires: Corrigidor, 2004.
- FLECK, G. F. A conquista do "entre-lugar": a trajetória do romance histórico na América. In: **Gragoatá**, Niterói, n. 23, p. 149-167, 2007.
- FLECK, G. F. Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação — leituras no âmbito da poética do descobrimento. In: RAPUCCI, C. A.; CARLOS, A. M. (Orgs.). **Cultura e representação: ensaios**. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2011.
- FLECK, G. F. **O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção**. Curitiba: CRV, 2017.
- GARCIA, R. As órfãs. In: **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, v.192, p.137-143, 1946.
- JOHNSTON, M. **To Have and to Hold**. La Vergne: Richard B. Foster, 2016.
- MIRANDA, A. **Desmundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RAMOS, F. P. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: DEL PRIORI, M. L. M. (Org.). **História das crianças no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, S. (Org.). **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- TROUCHE, A. **América: história e ficção**. Niterói: EdUff, 2006.

ZUG, M. A. **Buying a bride: an engaging history of mail-order matches.** New York: New York University, 2016.

NOTAS

ⁱ Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Cascavel, em 2013; especialista em Língua Inglesa: Estudos Linguísticos, Literários e Culturais pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz em 2016; mestrada na área de Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados e Literatura pela UNIOESTE, campus de Cascavel, 2017.

ⁱⁱ A narrativa *To Have and to Hold* foi publicada em 1900, contudo, a versão utilizada para análise nesse artigo é a do ano de 2016.

ⁱⁱⁱ Tradução nossa: Esposas eram necessárias para criar famílias estáveis, produzir e cuidar de crianças, e cimentar a hierarquia cultural e racial da América. Entretanto, a dificuldade encontrava-se no fato de que poucas mulheres europeias estavam interessadas em imigrar.

^{iv} Tradução nossa: Cimentar a hierarquia cultura e racial da América.

^v Tradução nossa: Na primavera de 1620, noventa noivas encomendadas chegaram à Jamestown. Sua chegada foi considerada um sucesso, e no próximo ano Sandys requereu fundos para transportar mais cem mulheres. Nessa época, a companhia passava por dificuldades financeiras e não possuía mais o dinheiro necessário. Entretanto, devido ao fato de que Sandys insistiu que mais mulheres seriam absolutamente essenciais, a companhia concordou em levantar fundos na forma de cotas. Devido aos seus esforços, outras cinquenta noivas foram enviadas à Jamestown. Na totalidade, a Companhia da Virgínia patrocinou a imigração de 140 noivas por encomenda.

^{vi} Tradução nossa: Eram obrigados a reembolsar a companhia 120 (e mais tarde 150) libras de “boas folhas de tabaco” para cobrir os custos da passagem das mulheres.

^{vii} Tradução nossa: Entre os anos de 1621 e 1651, havia quatro homens solteiros para cada mulher solteira.

^{viii} Tradução nossa: Eu fui até Jamestown para conseguir uma esposa. Eu pretendia fazer o melhor que eu podia para mim mesmo; cento e vinte libras de fumo é uma quantia considerável e não pode ser jogada fora. Fui procurar uma dama para minha casa, uma companheira para as horas livres, uma mulher alegre, humilde, dócil, que não tem aspirações além de limpar e com um bom temperamento, que iria governar a casa e me fazer um lar. Eu seria sua cabeça e sua lei, mas também sua espada e seu escudo. Isso é o que fui procurar.

^{ix} Tradução nossa: Senhora, eu disse. Você casa comigo?

^x Tradução nossa: Então, pelo amor de Deus, vamos!

^{xi} Tradução nossa: Ela não cozinha [...]. Eu contratei a senhora Goody Cotton para fazer isso.

^{xii} Tradução nossa: É a negra, Angela, [...]. Eu a comprei de William Pierce outro dia. A senhora Percy queria uma dama de companhia.

^{xiii} Tradução nossa: A que funda a história da nação mediante a recriação do passado de seus atores visto que toda independência implica a existência de uma história própria.

^{xiv} Tradução nossa: Com o trabalho do dia terminado, eu sentei na entrada da porta de casa, cachimbo na mão, para descansar um pouco durante o frescor da noite.

^{xv} Tradução nossa: Eles não tinham chance alguma contra nós, nós não nos importamos em fazer prisioneiros; foi uma matança [...].

^{xvi} Tradução nossa: Nosso coração nos disse, e realmente disse, que a lição foi aprendida, que nunca mais precisamos temer um ataque indígena em Jamestown.

Recebido em: 13/08/2018.

Aprovado em: 30/08/2018.

Publicado em: 31/08/2018.